O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 481

1 DE MAIO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. A. O SENHOR INFANTE D. AFFONSO, DUQUE DO PORTO

PRINCIPAL PROMOTOR DO TORNEIO NO HYPODROMO DE BELEM — Vid. *Chronica Occidental*

(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegámos agora do theatro de D. Maria e começamos a escrever esta chronica ainda sob o dulcissimo encanto da deliciosa comedia de Fernando Caldeira, que ha noites ali subiu á scena pela primeira vez e que está tendo um successo enorme tão grande como legitimo e merecido *A Madrugada*.

Dos tres titulos que deu á sua comedia, a *Caça á raposa*, a *Primeira Mentira* e a *Madrugada*, Fernando Caldeira escolheu este ultimo, que antes de conhecermos a peça nos parecia o peior, o menos bonito, o titulo d'um livro de maus versos antigos, mas que depois achamos tambem realmente o melhor por ser aquelle que mais traduz e synthetisa todo o assumpto da encantadora comedia, que toda ella gyra em torno d'uma madrugada fascinante de mulher, do alvorescer d'um coração de creança, que começa a ser illuminado pelo primeiro arrebol do amor.

Eu ha muito tempo que não passo em theatro umas horas tão agradaveis, como as que acabo de passar no theatro de D. Maria; ha muito tempo que não vejo obra tão finamente delicada, tão graciosamente commevedora como a nova peça de Fernando Caldeira, e parece-me poder-se affoitamente classificar a *Madrugada* não só como a obra prima de todo o trabalho do grande poeta, que conta na sua valiosa bagagem verdadeiros primores como as *Nadadoras* e a *Mantilha de Renda*, mas tambem como uma das mais formosas obras primas do theatro contemporaneo, e não digo só do theatro portuguez, porque no reportorio theatral vastissimo da França, da Hespanha e da Italia não se encontram muitas comedias que se possam pôr ao lado da formosa peça de Fernando Caldeira a que os artistas do theatro de D. Maria, deram um desempenho, quasi na totalidade, primoroso.

A *Madrugada* é o trabalho d'um grande poeta e d'um mestre de theatro feito n'uma d'essas felizes horas de inspiração, que o genio aproveita para pôr a sua chancella na obra d'um artista.

Os primores succedem-se sem interrupção durante esses quatro actos deliciosos, em que nem na obra nem no publico ha o mais pequeno momento de fadiga, e desde a primeira scena da *Madrugada*, aquella sonneca dos dois velhos tão original e tão bem achada, até á ultima, o despertar do ciume no coração de Bertha, a creança que quer que toda a gente lhe explique qué differença ha entre a amisade e o amor, o poeta e o dramaturgo fazem-nos sorrir, fazem-nos commover, fazem-nos interessar sem sahir nunca da mais completa singeleza, d'essa simplicidade quasi ingenua e ao mesmo tempo quasi classica, que é o mais poderoso encanto, a mais prestigiosa seducção da nova obra de Fernando Caldeira.

Desejariamos citar as scenas mais formosas da comedia, mas a accumulação de bellezas na *Madrugada* é de tal ordem que, como d'um cabaz de cerejas difficilmente é, senão impossivel, tirar tres ou quatro sem que venham todas presas umas ás outras, e n'essa accumulação, em que se prova a exhuberante riqueza do poeta, é que ha a notar ainda a sciencia habil do auctor dramatico, do homem de theatro que soube evitar a monotonia, doença de que no palco nem as mais bellas scenas estão ao abrigo, dispondo-as de maneira que umas não prejudicam as outras, dando-lhes o claro escuro, não se contentando em amontoar riquezas, centuplicando-lhes o valor pela maneira habil e artistica com que as dispõe, pelo bom gosto intelligente com que sabe fazer valer todos os seus effeitos.

E foi para isso, muito pensadamente, muito habilmente, que Fernando Caldeira cortou no 3.º acto a placidez da sua comedia com umas scenas dramaticas, scenas que elle trata superiormente, com uma grande sobriedade de tiradas declamatorias, conservando todos os personagens dentro das suas individualidades, com uma arte consumada, scenas que podem parecer ao espectador menos attento a todos os pormenores dos dialogos anteriores um bocadinho nebulosas, mas que saem naturalmente da acção, e que são apenas umas pequenas nuvens que apparecem a toldar por minutos o azul sereno d'aquelle ceu tranquillo, para quando se dissipam, mais fazerem valer a sua serenidade encantadora.

Dissemos que o desempenho da *Madrugada* é quasi na sua totalidade excellente e assim é.

Esse desempenho é optimo em geral, com pequenas excepções para classificação inferior, com uma excepção brilhante para classificação mais elevada, para classificação das mais altas que se pode dar a um trabalho artistico.

Essa excepção é a actriz Rosa Damasceno.

O papel de Bertha, uma creança de 15 annos é verdadeiramente uma creação genial.

E' dos trabalhos mais completos, mais formosos que temos visto em theatro, a creação d'esse encantador personagem tão fascinante na sua simplicidade maravilhosa, na sua alegria fresca de radiosa alvorada, e Rosa Damasceno que de ha muito tinha conquistado logar brilhante entre as nossas primeiras actrizes, elevou-se acima de todas ellas n'essa creação assombrosa de talento, de gentileza, de graça, de mocidade, que a colloca primeira entre as primeiras.

Brazão, magnifico no papel de Monsenhor, que elle faz com a grande simplicidade d'um grande actor e João Rosa excellente no tom de bonhomia finamente aristocratica que imprime ao seu papel, dão aos seus personagens uma tão alta distincção, uma finura tão perfeitamente fidalga e ao mesmo tempo tão encantadoramente singela, que denuncia logo dois artistas de raça.

Augusto Rosa cheio de *verve* e de boa graça é soberbo em todo o papel e principalmente na scena das definições com Bertha, e no final, no desenlaçar da peça, na alegria e naturalidade com soblinha com os seus *minhaus* o accordar do amor no coração virgem da formosa creança.

Ferreira da Silva realisou o milagre de fazer um fedelhote de 16 annos, com muita desenvoltura, com muita graça infantil sem cahir no ridiculo e dando perfeitamente a illusão da verdade.

Lucinda do Carmo n'um papel insignificante conserva a linha distinctissima do seu formoso talento.

Emilia Candida diz apenas em toda a peça meia duzia de versos, mas na singeleza com que os diz revela-se a grande artista que é.

Emilia dos Anjos e Carolina Falco, fazem com muita correcção dois papeis de pouca importancia e que para ellas não tem difficuldades e Augusto Antunes caracterisa bem um personagem que podia ser odioso, mas que o seu auctor quiz apenas fazer ridiculo.

Nos outros papeis temos tres artistas novos: o sr. Maia no papel de Engenheiro, o sr. Alves no de Fagulha e a sr.ª Iva Ruth no de Thereza.

O sr. Maia é um rapaz illustrado e de boa familia, levado para o theatro por irresistivel vocação; mas sobre os seus hombros debeis ainda para grandes commettimentos cahiu um papel de responsabilidade, um dos mais difficeis da peça, pois é sobre elle que pesa a scena dramatica do terceiro acto.

Mentiriamos se dissessemos que o sr. Maia tinha vencido todas as difficuldades do seu papel, mas venceu algumas e a prova é que conseguiu ao lado de grandes artistas representando primorosamente como elles representam esta peça, aguentar a sua scena capital muito discretamente, o que para um debutante é já uma victoria de bom agouro.

O sr. Alves, outro debutante fez excellentemente o seu papel e houve-se com notavel habilidade na scena importante que tem.

A sr.ª Iva Ruth que não se pode dizer bem que seja uma debutante, porque tem uma larga carreira de triumphos em theatros de provincia, tem contra si esses mesmos triumphos, e todos os defeitos que sem mestre adquiriu n'esses theatros, e mesmo n'esses triumphos talvez.

No meio do desempenho excepcional que tem a *Madrugada* no theatro de D. Maria, o medo que d'ella se apossou de certo fez com que desafinasse um bocadinho, o que não admira dadas as grandes responsabilidades do seu papel.

Bayard, o velho Bayard fez bem um pequeno papel de agiota, e bem, muito bem uma rapariga que canta o *deve deve*, uma cantiga popular com lettra e musica de Fernando Caldeira, que é tambem um maestro distincto, e que traz mais uma nota pittoresca aquella deliciosa quadra.

A *Madrugada* triumphou em toda a linha, rescende de toda ella um perfume casto, delicado e alegre, que é o caracterisco encantador do poderoso talento e da grande alma de Fernando Caldeira, a quem o publico faz todas as noites ovações extraordinarias e justissimas pois a sua formosa comedia é o espectaculo mais alegre, mais sadio, mais agradavel que se pode ver em theatro é um espectaculo consolador, bom, que faz a gente boa, como aquelles immortaes romances de Julio Diniz.

*
* *

E' já tarde talvez para fallarmos do *Torneio*, mas não queremos deixar de registar aqui essa festa extraordinaria que alvoroçou toda a cidade, e que fechou as festas de caridade em beneficio dos naufragos do norte com uma nota nova e original.

O Torneio realisou-se no domingo 24 no Hippodromo de Belem e pode calcular-se a multidão enorme que a elle assistiu apenas pela cifra de bilhetes de peão que se venderam, e que foram 19:000.

Note-se que os bilhetes de peão eram os mais baratos e que alem d'esses havia bilhetes para carruagens, para cavalleiros, para tribunas, para recinto de pesagem, logares para 5:000 réis, para 2:000 réis, para 1$500 réis e para 800 réis, e note-se que todos esses logares se encheram completamente e ninguem se admirará de que n'esse dia as ruas de Lisboa estivessem quasi desertas e quasi desertos á noite todos os theatros.

O *Torneio* agradou immenso especialmente o jogo da rosa, o jogo das alcansias e o jogo do estafermo que são de lindo effeito.

Todos os cavalleiros que n'elle tomaram parte se houveram com notavel pericia merecendo especial mensão sua altesa o sr. infante D. Affonso, que mostrou brilhantemente conservar a tradicção de gentilissimo cavalleiro, tradicção caracteristica da familia Bragança, apresentando-se com distinctissima correcção e notavel elegancia n'esta festa de que sua altesa foi um dos principaes promotores e dos mais enthusiastas influentes.

O publico fez uma ruidosa ovação ao illustre principe e aos distinctos *sportmen* que o auxiliaram n'esse espectaculo que tanto agradou pela sua novidade e de que n'outro logar da nossa folha damos longa noticia historica feita pelo nosso dedicado collaborador o sr. Manuel Barradas.

*
* *

Começamos esta chronica fallando d'um poeta e terminamol-a fallando d'outro.

Acabamos de receber n'este momento o primeiro volume das obras de Macedo Papança conde de Monsaraz. E' um volume elegantissimo publicado á custa do sr. conde de Porto Covo da Bandeira, e é devidido em tres partes — *Do ultimo romantico, Paginas soltas — Severo Torelli*. Vamos ler esse famoso livro com o interesse que nos merece o brilhante talento do conde de Monsarraz e d'elle diremos muito em breve, quando os assumptos de momento nos deixassem dedicar uma das nossas chronicas aos livros que de ha muito temos sobre a nossa meza.

Hoje limitamo-nos a noticiar o apparecimento do livro, que é uma boa noticia para todos que admiram bons versos e a agradecer ao seu illustre auctor o seu affectuoso offerecimento.

Gervasio Lobato.

DO TORNEIO EM PORTUGAL

I

Nos torneios procura-se quanto possivel reproduzir as diversas peripecias da guerra medieval.

E nas *cavalhadas*, que é o verdadeiro jogo equestre nacional, encontramos uma forma de destreza hippica oriunda ainda, segundo Theophilo Braga, dos exercicios militares dos lusos e dos iberos.

O *torneio* propriamente dito foi importado do estrangeiro.

Foi decerto no tempo de D. João I que tinha por consorte uma princeza ingleza que se *justou* á moda de França e de Inglaterra e que se introduziu em Portugal o divertimento dos *torneios*, comquanto diverso na execução que tinha lá fora em que se davam verdadeiras batalhas.

Entre nós, as *cavalhadas*, foram sempre muito mais humanas do que no estrangeiro em que alguns *torneios* acabaram tragicamente. E anda ainda no espirito de todos que tenham mediana curiosidade pela historia da cavallaria dos seculos XV a XVIII os tragicos *tournoys*.

Tournoi ou *tournoy* o nome é francez e a palavra vem de *tornear* ou *andar em volta* procurando ferir o adversario.

Os francezes foram os principaes inventores de taes jogos. O celebre Du Cange dizia que «os francezes por serem os mais turbulentos foram decerto os inventores dos *tournoys* e das *justas* que elles pozeram em uso a fim de conservar os gentishomens sempre dextros para a luta e promptos para os combates.»

Parece que estes jogos já eram conhecidos no seculo IX. Houve *torneios* em que entraram mais de mil cavalleiros saxões, gascões e bretões.

Alguns auctores Allemães querem para o seu paiz a primazia.

Comtudo ainda hoje se aponta o nome de Geoffroy de Preully como o seu principal iniciador. E este não era allemão.

Ora como os torneios tinham por mira, alem do desenvolvimento physico, o impulso que aviva as paixões nobres, faziam-se com o maior luzimento e pompa e até se collocavam em exposição, antes do *torneio*, as *armaduras*, *capacetes*, *armas* e adornos dos cavalleiros, nos claustros e adros da egreja e outros logares publicos a que era costume concorrer a nobreza.

O mais celebre de todos os *torneios* é o que se realisou em Worms, em 1219, de que existe ainda na Allemanha a seguinte tradicção decerto baseada em factos verdadeiros, embora chegue até nós adubada com os prejuizos coevos das superstições proprias da epoca.

* * *

Eis como se conta o que na historia ficou com o nome de *torneio em Worms*.

A festa era determinada pelo imperador de Allemanha. Todos os principes das margens do Rheno, os Electores e os Bispos assistiram a elle. Guerreiros, os mais ousados, ahi quizeram mostrar o seu valor, e, a filha de um conde de Westphalia, a formosa Bilhild, devia entregar a facha de ouro ao que ficasse vencedor.

O cavalheiro de Wolfseck, de uma audaciosa coragem e de valor experimentado amava Bilhild. Foi um amor *coup de foudre* como nos ensina de Stendhal no seu *de l'Amour*.

Wolfseck era aguilhoado pelo aspecto estonteador da que exercia sobre elle um poder mysterioso e pela esperança de ser coroado por ella como vencedor. Já elle tinha vencido, um a um, todos os adversarios que se lhe tinham deparado, já o seu olhar se não fitava senão no estrado em que lhe sorria a formosa filha do conde de Westphalia, quando, de repente estridulou nos ares a trombeta annunciando novo combate... Um novo cavalleiro surge na arena. Era Wartenberg o mais valente e o mais estimado de todos os cavalleiros. Assim que elle desfechou o corsel, n'um violento galope, todos os olhos pousaram n'elle com amor porque Wartenberg era tão sympathico quanto Wolfseck era odiado. Feriu-se o combate. Os dois adversarios despediram n'um arranque fortissimo, um contra o outro. Partiram-se as lanças, tomaram da espada. Wolfseck é derrubado do cavallo!... E a formosa Bilhild tem de entregar a Wartenberg o preço da victoria. Wolfseck levanta-se indignado e grita com furor:

— Tu não me vencerias se te não servisses dos teus sortilegios. Teem-te visto, noites e noites, errante no teu parque invocando o demonio dos feiticeiros, eu fui victima de uma das tuas conjurações!

— Venci-te, exclamou Wartenberg, pela destreza e pela coragem, e o que me accusar de feitiçeiria, mente e desafio-o a um novo combate de hoje a trez dias.

Wolfseck retirou-se da liça proferindo palavras de vingança.

Ora no dia seguinte Wartenberg estava só, no extremo de uma floresta divagando o pensamento e só ouvindo o coração que se occupava de Bilhild... Acto continuo uma frecha disparada por mão invisivel atravessa-lhe o peito, e trez mascarados lançam-se sobre elle e assassinam-no ás punhaladas.

Chega o dia do *torneio*. Wolfseck franqueia orgulhoso a barreira e os juizes chamam em vão por Wartenberg, ninguem responde. Feitas as tres «citações» do estylo, um dos juizes declara em alta voz:

— Visto que Wartenberg não vem desagravar-se da accusação levantada aqui contra elle, fica por isso provado que...

Não tinha ainda o juiz proferido a sentença quando subitamente entra na liça um cavalleiro armado de negro. Casco, lança, cavallo, tudo era negro, na couraça haviam sinistras scintillações, e atravez da viseira os olhos brilhavam como brazas. Ao aspecto de tão estranha figura Wolfseck sente-se possuido de um invencivel terror. Quiz renunciar ao combate mas a hora fatal tinha soado. Era impossivel recuar. Tenta armar-se de coragem erguendo com falsa firmeza a cabeça e parte contra o inimigo. Ao primeiro choque Wolfseck rolla no pó. Correm para elle a soccorrel-o, e tirando-lhe a couraça, encontram-lhe sobre o coração uma grande nodoa vermelha.

— Ai de mim, gemeu elle, foi aqui no mesmo sitio do peito, que Wartenberg morreu apunhalado por minha ordem, e foi essa a ferida que lhe deu a morte.

Confessou o cobarde crime e expirou.

Emquanto Wolfseck expirava, o mysterioso cavalleiro desappareceu, sem que ninguem podesse explicar se viera d'este ou do outro mundo...

Esta é a lenda.

* * *

E' a lenda. Mas a historia diz-nos que Raul de Guines, Roberto de Jerusalem conde Flandres, Godofred de Magneville conde de Essex (1216), o conde de Hainaut, conde de Bolonha, o conde de Hollanda (1234), Gilberto de Pembrock (1241) Hermand de Montigny (1258) o marquez de Brandeburgo (1269) Luiz, filho do conde palatino do Rheno (1289) e o duque João de Brabante em 1294, todos perderam a vida em *torneios!* Só no torneio que teve logar em Nuys proximo de Colonia (Allemanha) morreram mais de sessenta cavalleiros e escudeiros.

Quando succedeu isto em Portugal?

Ha *cavalhadas* e ha *torneios*.

Antes mesmo do conhecido episodio do combate ferido entre Henrique de Valois rei de França e o conde de Mongommery, em 1559, onde o primeiro ficou morto, já Philippe *o bello* tinha prohibido os torneios por meio de uma ordenança datada de 28 de dezembro de 1312.

Mesmo depois de 1559 ainda Henrique de Borbon-Montpensier foi victima de um *torneio*.

Finalmente, é em 1560 que são definitivamente prohibidos os *torneios* em França. Ficando apenas o *carrousel*, e esse mesmo só tem vida arrastada até ao reinado de Luiz XIV.

* * *

Entre nós o que houve foram as *escaramuças, desafios de Alcanzias, desafios das cannas, correr os pombos, correr ao estafermo, correr á barquinha, correr ás cabeças*.

E considerava-se isto, segundo Andrade, *divertimentos proprios para se adestrarem os cavalleiros na Arte de Cavallaria e no modo de manejar as armas*. Não se matava ninguem, o contrario do que succedia em França e Inglaterra.

D'estes *divertimentos*, e aqui empregamos com propriedade a phrase do auctor da Arte de Marialva, os menos conhecidos do nosso publico actual são: a barquinha e as alcanzias.

Alcanzias: — eram umas bolas de barro ôccas com que os cavalleiros atiravam uns aos outros recebendo-as nos escudos. A difficuldade ou o merito de este jogo consistia em se deffenderem e ao cavallo dos inoffensivos projectis, cobrindo-se com o escudo.

A barquinha: — era um vaso de madeira em forma de navio, cheio d'agua e dependurado em ganchos pelo gurupez e pela popa; os cavalleiros deviam com a lança em riste ferir a *barquinha* sem se molhar.

Estes jogos tiveram nos tempos dos *divertimentos* citados muita voga, e segundo Manoel Carlos de Andrade auctor da *Arte da cavallaria*, remontava a noite dos tempos:

«Os principes da Asia, diz elle, montavam a cavallo com grande apparato e magestade no dia em que faziam patentes as suas mais notaveis memorias.

«Cyro, Salomão o maior de todos os reis, o grande Macedonio, Cesar o grande imperador dos romanos e outros homens da antiga historia propugnaram pelo desenvolvimento da cavallaria»

Recentemente, na historia, temos Figenberg, La Nué, João Taqw, Brogelat Sollifel, Guerinièri e Grine de Previl, destacando-se talvez como o principal mestre da cavallaria. Plurinel, que foi do sympathico rei de Navarra esse bom rei Henrique IV de França, e continuou mestre da cavallaria da casa de Luiz XIII o *justo*.

As obras de Jacques de Sollifel e La Guerinieri merecem estimação pelas grandes intelligencias que nos dão sobre as enfermidades dos cavallos.

O Barão de Figenberg, João Taqw e La Nué, foram os que tornaram conhecidos *Le Brove* o discipulo de Pignaletti, mestre de toda a nobreza de Italia, o Marquez Duque de Newcastle e tambem o insigne Plurinel.

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES DO GREMIO ARTISTICO

(Continuado do n.º 480)

Como paisagem sentida e d'essas perante as quaes a gente se sente commovido está a lembrar-me tambem a *Manhã* do sr. Carlos Xavier, um artista consciencioso e magnificamente dotado, que é pena se não dedique mais á pintura, de que o trazem arredado as lides da lavoura.

A *Manhã* é uma bella obra d'arte, em que são perfeitamente executados o terreno, com o tom fresco da herva orvalhada, alumiada pela luz quasi horisontal do crepusculo, o homem e a junta de bois encaminhando-se para a faina diaria, a casa lá adiante e as arvores que tapam o horisonte, e emfim o ceu amarellado pelo sol nascente é de uma grande transparencia, excepto na parte superior, em que é um pouco baço.

O mesmo artista expõe outros trabalhos em que ha coisas notaveis de execução, como os terrenos da *Sahida da malhada* e *Fim da salmeja*.

* * *

O sr. Salgado, certamente um dos nossos mais esperançosos artistas, expõe uma grande tela decorativa, que intitulou *Amor e Psiche*.

Eu não comprehendo muito bem como a scena representada pelo artista se póde entender com a celebre legenda que Apuleu intercallou no seu *Burro d'oiro*.

Mas n'um quadro decorativo o assumpto tem um logar secundario ou mesmo terciario...

O que é certo é que o *Amor e Psiche* do sr. Salgado constitue um bello trabalho, de composição graciosa e bem equilibrada, de tonalidade clara e fresca e de aspecto extremamente agradavel.

As duas figuras nuas, um rapaz fortemente construido, vigoroso e são, e uma rapariguinha de formas delicadas e tenras, pouco mais de creança, são em geral bem desenhadas e pousam muito naturalmente, em attitudes muito harmoniosas. A perspectiva aerea é bem observada; o modelado, á parte os joelhos e a perna esquerda do mancebo que são um pouco chatos, é em geral excellente, sendo em especial bem tratados o seio e as pernas da pequena.

A cortina que abraça a parte superior do quadro destoa tambem um pouco na entoação geral, por ser um pouco forte de mais. Mas, apezar d'isso, este trabalho do sr. Salgado é um dos quadros mais notaveis e mais reveladores da exposição.

Expõe mais o sr. Salgado uma magnifica paisagem, em que ha uma bellissima athmosphera crepuscular; uma bonita cabeça em estylo gothico; uma phantasia intitulada *Hamlet*, muito notavel como execução, e que representa uma especie de mulato, com expressão risonha contemplando uma medalha, e destacando n'um fundo de gemma d'ovo; e outros trabalhos em que aindas e revela o talento do artista mas menos interessantes.

* * *

Outro artista de que a pintura portugueza tem muito a esperar, o sr. Luciano Freire, apresenta dois quadros notabilissimos e que mostram um espirito perfeitamente orientado.

Um d'elles é tambem um quadro decorativo e intitula-se *Ilha dos Amores*.

O sr. Freire deu-nos uma interpretação d'aquelles bellos versos do poeta, que são uma das maravilhas da poesia delicadamente erotica:

. . . .

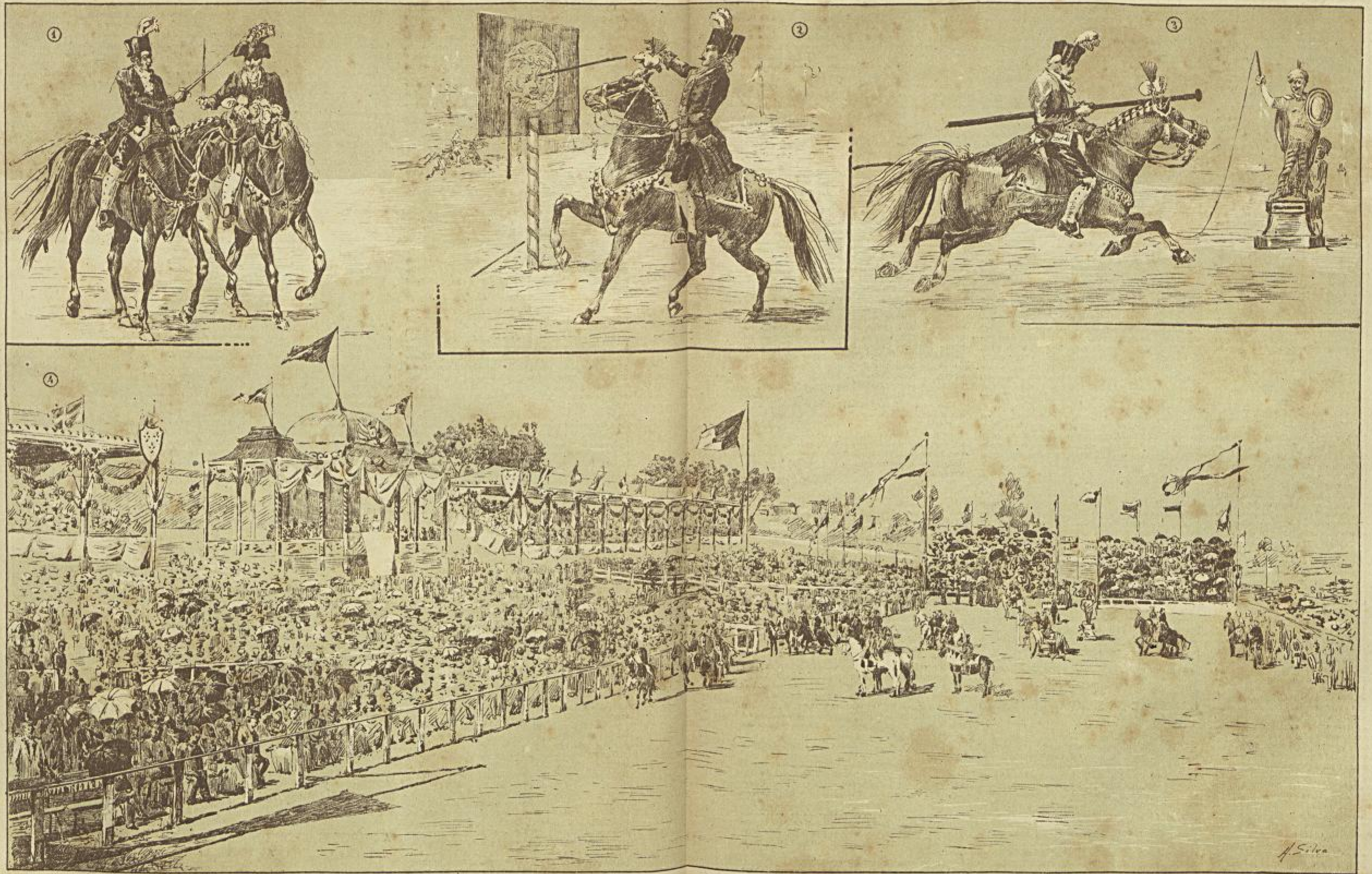
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

D'uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas;
Uma de industria cae, e já releva,
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

. . . .

De uma composição muito original, o sr. Freire representou no primeiro plano do seu quadro duas nymphas, uma das quaes foge, n'um movimento muito justo, olhando para traz com ar de quem não tem grande receio de que a agarrem, e a outra já se deixou cair e é vista de escorço; mais atraz outra corre para a direita, onde se entrevê um cysne na agua por entre o arvoredo. Ao fundo avistam-se os navios, de que desembarcam os heroes que vão emfim receber o premio *dos feitos grandes, da ousadia forte e famosa*, um dos quaes, o que primeiro avistou aquella *caça estranha*, corre em sua perseguição.

As figuras são correctamente desenhadas e todo o quadro é excellentemente executado, e de certo um dos mais bonitos trabalhos expostos.

OS NAUFRAGIOS DO NORTE

1 Escaramuça de rodopio. — 2 Carroussel, o cavalleiro atira o dardo á cabeça de Medusa. — 3 Corrida ao estafermo. — 4 Aspecto geral do hypodromo, as cortezias d'entrada.

TORNEIO NO HYPODROMO DE BELEM, EM BENEFICIO DAS FAMILIAS DOS NAUFRAGOS DO NORTE E DOS POBRES DE LISBOA — 24 D'ABRIL DE 1892

(Desenho de A. Silva)

Farei, no emtanto, uns pequenos reparos. — O tom das carnes é talvez vermelho de mais; o proprio poeta mais de uma vez falla de *alvas carnes*, e decerto que ao ar livre a côr que o artista deu ás suas nymphas é pouco natural. Estranho tambem que o sr. Freire tenha pintado um galgo junto aos navegadores que desembarcam: pois que, sem duvida alguma, a palavra — galgos — empregada pelo epico é tomada em sentido figurado.

O outro quadro do sr. Freire representa uma rapariga dando *A Ração* a uma vitella que por traz d'ella está de orelhas estendidas e olhos fitos, mirando attentamente, assim como a rapariga, alguem ou alguma coisa que lhe despertou vivamente a attenção.

Não se distinguindo bem claramente a principio, em razão da singularidade do contorno e das côres que lhe dividem o focinho em quatro triangulos regulares, desde que uma vez se viu custa a tirar os olhos d'aquella estranha cabeça de vitella, tal é a vida intensa com que nos fita, avultando sobre o fundo do quadro.

E' um trabalho perfeitamente superior este do sr. Freire. A rapariga, com a sua expressão de curiosidade muito bem dada, e todos os accessorios são de uma execução magnifica. E comquanto a *Ilha dos Amores* seja mais bonito, este não lhe é nada inferior; e ambos elles honram extremamente o artista que os executou.

*
* *

Um trabalho que revela tambem um artista de futuro é o *S. Jeronymo* do sr. Conceição Silva, que figurou na recente exposição escolar de Lisboa como prova final do seu curso de pintura historica.

Na bella expressão do santo, olhando extatico para a visão que lhe apparece no interior da gruta, na boa distribuição da luz que penetra pela bocca da mesma, na attitude appropriada do santo e emfim na execução de todo o quadro revela-se uma decidida aptidão para a pintura e este quadro obriga o sr. Conceição Silva a grandes responsabilidades para com o publico, que tem d'ora em diante o direito de lhe exigir trabalhos que não desdigam d'esta bella estreia.

*
* *

Entre os poucos retratos que este anno figuram na exposição tem o primeiro logar o *Retrato de creança* do sr. Antonio Ramalho, um dos mais valentes e conscienciosos da nossa escola moderna, que está adquirindo entre nós o titulo de mestre na especialidade dos retratos de creanças.

Com effeito nenhum dos nossos artistas pinta como elle as faces frescas e assetinadas dos bébés, só comparaveis ás petalas das mais bellas e delicadas flores; nenhum como elle sabe apanhar-lhes a viveza do olhar e a expressão infantil da bocca nem pintar-lhes os anneis dos cabellos finos e sedosos cahidos sobre os hombros.

O *Retrato de creança* que elle expõe este anno (e tenho pena que não tenha exposto mais dois que eu vi no seu atelier) representa uma pequenita de olhos pretos, faces rosadas, com duas covinhas na barba, fazendo com a bocca um engraçado momo, e de cabello castanho e annellado cahindo sobre uma romeira de pellucia vermelha.

E' seguramente dos mais bellos e deliciosos retratos de creança que o sr. Ramalho tem pintado.

Expõe mais o distincto artista, dois quadros representando aspectos do claustro de Cellas, tão interessante como especimen da architectura romanica em Portugal.

O maior d'elles, *No claustro de Cellas*, representa o claustro visto de dentro de uma das galerias lateraes. No banco que segue ao longo da arcaria, revestido de magnificos azulejos, está sentada uma senhora desenhando, e por entre as columnas, de curiosos capiteis *figurados*, avista-se o pateo arborisado e o lado de lá do edificio.

E' uma tela magnifica, de aspecto alegre, cheia de côr e de luz.

O outro, *Um canto do claustro*, em que as plantas sobem pelas paredes n'uma desordem pittoresca e luxuriante, é tambem excellente e muito bonito.

Expõe ainda o sr. Ramalho um quadro magnifico, mas prejudicado bastante no effeito pelo formato, que o amesquinha. E' uma representação da celebre *Bocca do inferno*, em Cascaes, onde se vê um canto do mar e um pedaço das rochas, fortemente alumiadas, e de uma grande justeza de tons.

*
* *

Do claustro de Cellas mandou-nos tambem dois quadros o sr. Vieira, um dos antigos companheiros do *Grupo do Leão*, de alegre memoria, e hoje professor da Universidade, que o tem infelizmente afastado quasi de todo do mundo da arte, em que lhe pertencia um dos primeiros logares pelo seu real temperamento de artista.

A prova d'esse temperamento está, por exemplo, no seu bello quadro *A orchidea*, que representa uma freira, de habito branco cahindo em linhas de uma grande belleza, que desce a escadaria do claustro com um vaso de flores n'um braço e contemplando uma flor amorosamente.

E' um trabalho que revela um verdadeiro artista na delicadeza da composição, na elegancia da figura e na finura da intenção.

E' pena sómente que o artista não tenha tratado mais cuidadosamente o rosto e as mãos da sua figura, cuja execução desleixada impede este bello quadro de ser um trabalho de primeira ordem.

O *Claustro abandonado* representa tambem o claustro de Cellas, mas visto do pateo, e mostrando a parte exterior da galeria de que o sr. Ramalho pintou o interior.

E' um trabalho excellente, de tonalidade mais escura do que n'aquelle mas bem executado, como são excellentes os *Fructos* expostos pelo mesmo artista, mas que ainda assim me fazem saudades dos fructos e flôres que o sr. Vieira expunha n'outros tempos.

*
* *

Na pintura de flores as honras da exposição pertencem ao sr. Antonio José da Costa, que nos mandou do Porto dois quadros de camelias perfeitamente superiores.

Por mim, foi a primeira vez que as camelias me agradaram n'um quadro (que tambem não morro de amores por ellas n'outra parte...). Frias e duras de tom, de formas toscas ou regulares como figuras geometricas, fazendo-se velhas e horrendas á mais leve falta de *respetto* para com ellas, eu cá dispensava perfeitamente a sua existencia. Mas as do sr. Costa encantaram-me; são pintadas com tanta perfeição, dispostas com tanta arte, combinadas as cores com tão fino gosto que ambos esses quadros se podem sem favor classificar de trabalhos de primeira ordem.

Expõe tambem o sr. Costa duas paisagens, das quaes é muito digna de menção a intitulada *Poço das Pallas* (Gerez), representando um ribeiro que corre por entre fragas, ao fundo de dois montes muito ingremes, e que é de uma bella execução.

*
* *

A sr.ª D. Josefa Greno, sem apresentar nenhum trabalho comparavel ao *Melão francez* do anno passado, sustenta no entanto os seus creditos de eximia pintora de flores.

Dos seus quadros são especialmente notaveis os *Malvaiscos e fructos*, as *Rosas e despedidas de verão* e os *Fructos*, tratados com a maestria que lhe é habitual; o *Cestó de rosas*, de tonalidade delicada e composição muito feliz, e as *Estrellas do Egypto*, tambem muito bonito de aspecto; e ainda as *Rosas* e as *Rosas e papoulas*, de factura vigorosa e quentes de côr.

Das paisagens expostas pela mesma senhora, bastante inferiores ás suas flores, é ainda assim muito agradavel de aspecto a *Devesa do Cumulo*, n'uma gamma delicada e branda.

(Continúa). *João Sincero.*

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

V

O trabalho mais importante que Lopo Vaz fez n'esse ministerio foi o da reforma do Codigo Penal, que os jurisconsultos consideraram como um verdadeiro monumento. Fulminaram-n'o, é claro, aquelles que desejavam conservar impunidade que para as injurias escriptas existia nas leis portuguezas. Bem sabemos que essa impunidade ainda existe apezar de todas as leis, mas Lopo Vaz consiliou o odio intransigente dos adversarios das instituições, por querer collocar Portugal entre as nações civilisadas, que garantem a urbanidade das relações sociaes, sem que isso impeça a propaganda das idéas, como deve existir n'um povo livre.

Em Portugal porém, temos a mania de nos ufanar-mos muito de ser na nossa imprensa, o povo mais malcreado do universo, sendo aliaz no trato social um povo excessivamente urbano.

Pois n'essa reforma penal havia um progresso, que valia bem mais do que todas as facilidades estabelecidas para o direito de punir as injurias a extincção da perpetuidade das penas. Os *liberaes* que atacaram a reforma, não viam porém, senão o que podia impedil-os de serem impunemente injuriosos.

A reforma do Codigo Penal acompanhava todos os progressos da jurisprudencia, e parecia impossivel como Lopo Vaz tinha tempo de os acompanhar, sem se desprender do movimento politico do paiz, que seguia com afan, e sem deixar de estudar todas as questões que os seus collegas levavam a conselho de ministros.

Era n'essas reuniões, celebradas em casa de Fontes, e que duravam até á madrugada, que se affirmava a superioridade do talento de Lopo Vaz alli se debatiam as questões mais diversas, fazenda, diplomacia, assumptos coloniaes, obras publicas, administração, reformas militares. Em todos os assumptos se ouvia a palavra luminosa de Lopo Vaz, e raras vezes deixava de ser a sua opinião a mais acertada.

Mas, já então n'esses longos debates que o prostravam, se podia prever que seria curta a sua existencia. O seu estomago precisava de se entreter quasi constantemente, e, quando se mettia no seu trem ao alvorecer da manhã, os seus collegas viam bem que a sua debil constituição não poderia resistir a esse verdadeiro *surmenage*.

Suppunha se porém que bastaria o repouso para restituir-lhe as forças, e que a sua mocidade triumpharia.

Foi essa fadiga que o levou a pedir a demissão em fevereiro de 1885? Não podemos dizel-o. E certo emfim que o motivo ostensivo que elle allegou não explicava sufficientemente a resolução que tomava. Antonio Augusto de Aguiar pedia a demissão, porque o presidente do conselho e o ministro da fazenda hesitavam em consentir que se apresentasse ás camaras o projecto de lei para o porto de Lisboa. Não era que o ministerio hesitasse n'esse emprehendimento, mas entendia-se que era occasião em que, pela reforma das pautas, se ia augmentar a tributação, não era conveniente tratar de novas despezas, por muito justificadas que fossem.

Isso era apenas uma hesitação, mas cedia logo que o ministro decclarasse que entendia ser indispensavel a discussão da sua proposta. Aguiar insistia, e Lopo Vaz declarou que o acompanhava por solidariedade. Não havia razão para isso, mas Lopo Vaz fatigava-se muito com o exercicio do poder, o que realmente se percebia pelas rasões que temos indicado.

Pinheiro Chagas.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

XII

Penetremos no palacio d'Ajuda, após o regresso d'El-Rei.

Os cortezãos, surprehendidos, interrogam o valido ácerca dos ferimentos do soberano.

Pedro Ferreira responde enigmaticamente a todos, e segreda pouco depois com um moço estribeiro.

Decorridos alguns momentos, galopava elle n'um fogoso cavallo em direcção a Lisboa.

Se o seguissemos, vel-o-hiamos penetrar na habitação ordinaria de Sebastião de Carvalho.

O ministro de D. José, mal ouviu a narração dos terriveis successos d'aquella noite, ergueu-se d'um pulo, e deixou que um maligno sorriso lhe inundasse os labios.

Após meia hora, os dois validos seguiam para o paço.

Sebastião de Carvalho — mudo e concentrado — pensava na *mise-en-scene* d'uma tragedia tremenda, ao mesmo tempo que o seu vehiculo percorria velozmente as ruas de Lisboa em direcção de Belem.

. . . .

Deixemol-o agachar-se perante os vis instinctos da vingança, que muitas vezes lhe embaciaram os limpidos crystaes do seu homerico espirito.

Não ha quadro sem luz e sombra.

Ao gigante que deu a conhecer ao mundo que Portugal era uma nação, — que fez brotar do marasmo da indifferença indigena as vigorosas hastes dos melhores systhemas economico e colonial, — que converteu em exercito respeitavel uma cohorte de poltrões, — que deu vida á industria, á

navegação e ao commercio, — que abrogou leis absurdas, creando outras indispensaveis, — que poz termo aos *autos de fé*, — que acabou com as revoltantes distincções de christãos novos e velhos — que abateu os excessos da nobreza, — que expulsou os jesuitas, — que limitou o poder papal, — que protegeu a instrucção, e que fez surgir das cinzas d'uma cidade destruida, uma magnifica cidade, — ao grande vulto, emfim, estava reservado o triste papel d'algoz, que, ainda hoje, decorridos largos annos, horrorisa quem pensa na terrivel carnificina da praça de Belem.

. . . .

Deixemol-o, pois, e não o despertemos da sua horrivel meditação.

O dia ia prestes apparecer, quando o ministro chegou ao paço.

Reinava alli a confusão, o tumulto.

Escudeiros, pagens e fidalgos tudo se agitava.

A' cabeceira d'El-Rei velavam os medicos da casa.

D. José, d'instante a instante, suspendia a resa e gemia.

Sebastião de Carvalho, apenas visitou o real enfermo, fez-se rodear de todos os serviçaes do palacio — populares e nobres — a quem disse :

— Recommendo lhes o mais profundo silencio ácerca do occorrido. A cidade deve ignorar tudo. E' mister descobrir-se a mão que feriu sacrilegamente o soberano, e hade descobrir-se. Aos individuos que em razão da sua qualidade official teem entrada no paço, dir-lhes-heis que a uma queda desastrada se devem os incommodos d'El-Rei...

Ia o ministro a por termo nas suas recommendações, quando um dos reposteiros annunciou o *nobre marquez de Tavora D. Francisco de Assis.*

A um signal de Sebastião de Carvalho, todos dispersaram, evacuando a sala.

D. Francisco entrou.

O gesto franco, a voz naturalmente emittida, e a liberdade em todos os movimentos, eram provas clarissimas e irrecusaveis de que o nobre titular não entrára, nem por pensamentos, no traiçoeiro assalto á pessoa de D. José.

Mas o ministro não o julgou assim : Imaginou-o um scelerado, disfarçado em bom actor.

As grandes perspicacias tambem se illudem.

Entretanto era o marquez o unico dos da casa dos Tavoras, que ignorava absolutamente da existencia da conjuração contra a vida do soberano.

Seu filho José Maria, mancebo de poucos annos, e possuidor de muitos dotes de coração, se alguma vez frequentou as reuniões do duque, foi tão sómente por acompanhar sua mãe, a marqueza Leonor.

. . . .

Trocados que foram os cumprimentos do estylo, o ministro assestou contra o marquez a sua enorme luneta, e, mirando-o d'alto a baixo, ficou á espera de que elle lhe dissesse as razões que o levaram ao paço.

Esta desusada visita, que condemnou o titular, pesada hoje na balança da consciencia e da critica, sem resentimento de paixões, dá o peso d'uma poderosissima prova da innocencia de D. Francisco de Assis, com quem sua esposa não contou, nem poderia contar, para a terrivel empreza do assassinio de D. José.

Pois quem seria o imbecil que, depois de praticado um delicto de tal monta, não buscasse esconder-se, antes, com o receio de ser trahido por um descuido, por uma palavra, por um gesto ?

Porque não appareceram tambem no paço o duque de Aveiro e o marquez Luiz Bernardo ?

. . . .

D. Francisco, que passára a noite do crime n'uma festa d'amigos, soubera no regresso a sua casa do attentado contra El-Rei.

Concitado pelo desejo de conhecer minuciosamente o facto, e instigado ainda pelo dever, fez rodar o seu vehiculo para a Ajuda, afim de offerecer os seus serviços ao monarcha.

Mas Sebastião de Carvalho não lhe consentiu que se aproximasse do real enfermo, sob o pretexto de que o soberano necessitava de repouso.

Depois, e porque das palavras do marquez não transpirasse nada que o comprommettesse, pediu-lhe licença para expedir algumas ordens, declarando-lhe por fim que attribuia os ferimentos do Rei a *negocios de ciumes*...

E separaram-se.

Sebastião de Carvalho ficou-se n'um maligno sorriso, e o velho titular sahiu do paço com a consciencia tranquilla.

XIII

Depois que os cavallos do real vehiculo retrocederam espantados até ao largo da Junqueira, os tres troços d'emboscados correram a reunir-se, ávidos de informações.

O duque d'Aveiro, Luiz Bernardo e sua mãe, apresentaram-se desanimados.

— Tudo perdido ! exclamou o duque O maldito não morreu !...

— Como se póde saber isso ? interrogou convulsivamente a marqueza.

— Pois não se ouviu distinctamente a voz de Pedro Ferreira, que dizia ter ficado ferido El-Rei ?...

— Mas é que os ferimentos recebidos, podem ser mortaes...

— E se o não forem ?

— Devem ter sido, informou João Miguel : O tiro que eu fiz, foi bem apontado ao interior do côche, apezar da vertiginosa marcha dos cavallos.

— Fômos uns imbecis ! — suspirou D. Leonor de Tavora : Deviamos ter, antes de tudo, feito fogo contra o boleiro, e, morto este, o resto seria facilimo e rapido.

— Nem tudo lembra, minha mãe ; replicou o marquez Luiz Bernardo.

— Ah ! Eu creio que ganhamos a partida ; declarou o cabo d'esquadra Braz José Romeiro : Deus livre vossas excellencias... Deus livre a nós todos de ficarmos tão bem *convidados* como devia ter ficado a real pessoa d'El-Rei nosso senhor...

— Sou da opinião do Braz ; affirmou José Polycarpo de Azevedo : Os *roqueiros* estavam bem carregados, e os atiradores dos dois grupos que desfecharam, não apontam mal.

— O peior foi o galope das bêstas ; recordou Manuel Alvares

— E o escuro da noite ; murmurou Antonio Alvares Ferreira.

— Seja como fôr, disse a marqueza, é mister fugirmos immediatamente d'este logar, e entrarmos em nossas casas de modo que não sejamos notados.

— Silencio agora e sempre, accrescentou o duque. A' menor imprudencia de qualquer de nós, erguer-se-ha um patibulo, onde os carrascos cortarão as nossas cabeças fatalmente.

Feitas algumas outras recommendações, os conjurados abandonaram o theatro do crime e partiram em direcção de suas casas por caminhos differentes.

Braz José Romeiro e Manuel Alvares, ainda estiveram entre os individuos que appareceram á porta do forte da Junqueira, e que foram attrahidos alli pelos alaridos dos creados do marquez d'Angeja, quando o monarcha alli entrou.

— Que aconteceu ? perguntou o Braz a um espectador : Morreu alguem ?

— Se não morreu, está para isso.

— Quem ?... quem ?... inquiriu Manuel Alvares, representando a primor o papel d'um curioso.

— El-Rei ! declarou o interrogado no tom cavo das grandes sensações.

— Ih ! Jesus !... bradou o cabo Romeiro, *condimentando* o signal da cruz com uma alluvião de interjeições de horror.

— E morreu já ? indagava o Alvares com uns modos assaloiados, ao mesmo tempo que belliscava uma das pernas do Braz.

— Creio que já deve ter dado a alma ao Creador.

— Não faz cá falta nenhuma ; declarou ousadamente um catraeiro, que se metteu na conversa : Um rei que andava de noite na vida airada, e que dormia de dia, deixando os ministros á solta, póde morrer quando quizer, que não me faz saudades.

— Oh ! homem... não falle assim ; aconselhava o cabo : Olhe que o podem julgar um dos assassinos da Magestade...

— Qual historia ? !... Quem não deve, não teme.

O Braz José Romeiro, se não fosse o Manuel Alvares, que o obrigou a retirar-se, era capaz de compromettter-se e de compromettter os co-réus, se continuasse a fallar.

Mal parado estava pois o segredo dos nobres e dos padres da companhia, que, dentro em pouco tempo, havia de ser do dominio publico.

NOVIDADES DA SCIENCIA

A TRANSMISSÃO TELEGRAPHICA DOS DESENHOS.— Achamos no *Eletrical Review* a descripção d'um novo methodo de transmissão electrica dos desenhos, gravuras etc., inventado por M. Amstutz, de Clevelaud (Ohio), que designa debaixo do nome de ELECTRO-AUTOGRAPHO.

O methodo assenta sobre o emprego de correntes ondulatorias ou variaveis, tendo uma certa analogia com o principio do telephone

O transmissor é accionado indirectamente pelas variações d'intensidade luminosa em logar de ser por ondas sonoras como na transmissão telephonica.

Eis em resumo a descripção do methodo .

O objecto de que se quer transmittir a imagem é photographado sobre uma pellicula com posta de gelatina e de bichromato de potassa que é, como se sabe, sensivel á luz e torna-se dura e insoluvel quando é exposta aos raios luminosos, emquanto que as partes protegidas ficam soluveis.

A photographia sendo feita sobre esta pellicula ou por exposição directa n'uma camara escura, ou por impressão atravez d'um negativo, lava-se em agua quente, de maneira que se levantam as porções não affectadas pela luz e obtem se uma imagem em relevo de que a espessura em cada ponto está na razão directa da intensidade do raio luminoso, que feriu a pellicula n'esta parte, e que representa por consequencia, pelas suas variações de espessura, as differenças de tonalidades das partes claras e escuras da photographia.

A pellicula é separada da placa de vidro e montada sobre uma chapa de celluloide que se enrola n'um cylindro perfeitamente liso e montado sobre eixos. Diante d'este cylindro move-se um pequeno carro levando um ponteiro que percorre toda a superficie da pellicula como o estylete do phonographo. Este ponteiro abaixa-se ou eleva-se conforme cai sobre uma cavidade ou sobre um relevo do desenho ; e como descreve uma espiral, segue-se pertanto que passa successivamente por todos os pontos. A alavanca que sustem o estylete e que reproduz, na outra extremidade, os movimentos amplificados do ponteiro, apoia-se sobre uma ou muitas outras alavancas terminadas em pontas de platina que estabelecem a communicação entre a origem da electricidade e o fio da linha.

Se por exemplo, o estylete se acha n'um ponto muito em relevo, sua haste não transmittirá senão n'uma d'estas alavancas ; por um outro ponto um pouco menos saliente, a haste transmittirá em dois, etc.

Vê-se pois que a intensidade da corrente variará, segundo o maior ou menor relevo das linhas percorridas pelo estylete.

Vejamos, agora, como estas variações d'intensidade são utilisadas ao receptor para produzir os claros e os escuros da photographia primitiva.

O apparelho receptor é constituido como o transmissor no que respeita ao cylindro, ao carro, etc., mas o estylete é substituido por um buril de secção triangular de que a haste se colloca em frente dos polos d'um electro iman accionado pela corrente da linha.

O cylindro é recoberto com uma cinta de papel levando uma camada de cera de uma determinada espessura.

Segundo o grau d'intensidade da corrente, o electro iman é mais ou menos excitado e attrahe mais ou menos a haste do buril. Este gravará pois sobre a camada de cêra traços, de que a profundidade corresponde exactamente aos percorridos pelo estylete transmissor.

Portanto as variações de pressão do buril reproduzirão na cera todas as graduações de luz e de sombra da imagem descrevendo traços mais abertos ou mais unidos como na gravura vulgar, e se se desenrola em seguida a folha de papel que tem a cera, será facil obter n'alguns minutos, pela galvanographia um cliché exacto d'esta imagem.

Tal é em resumo, o principio do processo Amtutz.

Vê se que ha alli uma innovação das mais interessantes e que merece ser registrada. Sem duvida os resultados obtidos até ao presente estão longe de serem perfeitos, como se póde julgar pelas figuras 1 e 2 que publicamos a pag. 104 e mostram, a primeira, a imagem tal qual é transmittida a uma distancia de 30 kilometros ; a outra, uma reducção da mesma imagem depois da transmissão ; mas é permittido esperar que, como com o telephone, a idéa faça o seu caminho e que n'um futuro mais ou menos proximo, o problema da visão á distancia será tão completamente resolvido como foi o do telephone, essa grande maravilha da electricidade.

R. A.

REVISTA POLITICA

Passou hontem o 66.º anniversario da outhorga da Carta Constitucional, esse famoso codigo fundamental das nossas leis, que ha sessenta e seis annos fez as delicias de nossos avós e de nossos paes, e que hoje apenas é celebrado pelos vinte e um tiros do estylo, disparados pelo *Pimpão* quando o sol está a prumo, e pelo apreciado feriado official, que permitte n'este dia mandriar mais que nos outros, indo os titulares e condecorados em romaria ao Paço Real comprimentar Suas Magestades por tão feliz anniversario.

E como poderiam ser sinceros estes comprimentos, como poderia ser ruidoso o enthusiasmo n'este dia, como as philarmonicas atroariam essas ruas com os seus fungágás e o povo todo folgaria alegremente se essa Carta, escripta com o sangue dos sete mil e quinhentos bravos do Mindello, não tivesse cahido na maior das banalidades, deturpada, desfigurada, sophismada, reformada e remendada, pelo decorrer de sessenta e seis annos, em que a pobresita tem passado inclemencias, nas mãos dos que a deviam tratar com carinho e respeito por dever de gratidão e exemplo dos novos.

Era um codigo liberal capaz de fazer a felicidade de um povo. Hoje não se sabe o que é, mercê dos homens que o desvirtuaram, como desvirtuarão ámanhã o que lhe succeder, n'esta decadencia moral em que se vae, correndo parelhas com a decadencia phisica tanto ou mais visivel do que aquella.

E eis o que nos suggeriu os tiros do *Pimpão* que nos vieram lembrar o anniversario da outhorga da Carta Constitucional, tiros muito mais inoffensivos do que ha sessenta e seis annos se dispararam para que a mesma Carta fosse lei do paiz, tiros de polvora secca, só para se ouvirem, exactamente como os discursos d'hoje dos candidatos a ministros, de bello effeito oratorio e mais nada.

Como os tempos vão mudados! Os patriotas de 1820 tinham menos oratoria e mais acção, confiavam muito mais no seu braço do que na sua rhetorica; os de hoje gastam muita rethorica e poupam o seu braço para assambarcar uma pasta de ministro ou vestir a manga de alpaca das beneses rendosas

O resto não vale nada.

E com estas considerações iamos deixando no tinteiro o que mais interessa saber n'este momento, o que todos andam a perguntar, sem obterem resposta cabal, que desfaça as duvidas, as contradições, as meias palavras que sobre o caso o telegrapho tem transmittido.

Já se sabe que nos referimos á commissão do sr. Antonio de Serpa.

Nos primeiros dias da chegada de sua ex.ª a Paris, parecia que tudo caminhava ás mil maravilhas e que o illustre chefe do partido regenerador poderia dizer como Cesar: *veni, vidi, vinci*, mas por fim *auro suadente, nil potest oratio*, sua ex.ª que apenas dispunha da sua eloquencia contra a *auri sacra fames* principiou a encontrar difficuldades que parece não estarem ainda vencidas por completo, e por isso, apesar de irmos ao fundo do tinteiro vêr se d'entre as suas trevas poderiamos tirar um raio de luz sobre o assumpto, nada mais vimos que a tinta preta com que traçamos esta escripta que nada esclarece a questão.

Os telegrammas annunciaram que estava feito o accordo; que os credores estrangeiros se resignavam a receber metade com a garantia do rendimento das alfandegas, que seria remettido para Paris todas as semanas ou todos os mezes, se não fosse todos os dias, para ser mais leve, e que n'estes casos fôra inteiramente posta de parte a ideia da fiscalisação estrangeira intra-muros d'estes reinos, mas faltam os telegrammas que deviam dar parte de se ter assignado este accordo o qual se espera a todos os momentos, sem que appareça.

O tal accordo prende-se intimamente com o novo emprestimo de cem milhões (de francos bem entendido) e esta é que é a parte mais difficil da missão do sr Antonio de Serpa. A occasião não é azada para este novo emprestimo, como facilmente se comprehende, mas a necessidade de solver a divida fluctuante, essa divida que se tornou chronica nas nossas finanças, é que obrigou o sr. ministro da fazenda a tentar esta operação de levar coiro e cabello, nas actuaes circumstancias.

Se ha seis annos a esta parte esses mesmos agiotas, que tão tyrannos se mostram agora, tivessem tido mais cuidado em emprestarem dinheiro a um paiz que não estava em melhores nem peores circumstancias que hoje, por que de ha muito que contrahia emprestimos para acudir aos seus deficits ordinarios, não teriam agora que regatear um novo emprestimo que tem por principal fim garantir-lhe os que já nos fizeram, salvando assim os seus interesses e os do paiz de que são credores.

Devem attentar nas grandes economias que, vae para um anno, se estão fazendo nas despezas publicas, grandes economias sobre tudo se attendermos a que por emquanto só tem visado aos pequenos, e que assim se vão equilibrando as finanças do Estado na mesma proporção que se desequilibram as finanças dos seus humildes servidores, e isso é já uma garantia de boa administração que deve tranquillisar os srs. agiotas, que de resto se não tivessem d'estes freguezes perdularios, para que lhes serviria o seu dinheiro.

E já que fallamos de economias será bom saber-se que sahiu a publico a reforma das alfandegas, a qual, segundo dizem as folhas da *benevola espectativa*, realisa uma economia immediata de duzentos contos, coisa em que a luminaria do largo de S. Roque não quer acreditar e barafusta a fazer calculos e contas para demonstrar o contrario.

Politica e mais politica onde é difficil descriminar a verdade.

No que a estas horas todos estão pensando é no 1.º de maio, mez que ha uns annos a esta parte principiou a ser um phantasma tetrico, que não faz encavacar só os nossos irmãos do Algarve, mas a humanidade inteira.

Nós temos uma idéa que nos parece aproveitavel e que corta o mal pela raiz. Supprimir do kalendario o tal mez de maio.

Os nossos irmãos do Algarve já ha muito tempo que o supprimiram.

João Verdades.

TRANSMISSÃO TELEGRAPHICA DOS DESENHOS

Fig. 1

Fig. 2

(Vid. artigo *Novidades da Sciencia*)

PUBLICAÇÕES

O naufragio do Póveiro por Alfredo da Cunha. Poesia a proposito dos ultimos naufragios occorridos na Povoa de Varzim, e cujo producto da venda é todo destinado a beneficio das familias dos naufragos.

Representação *do Conselho escolar do Instituto de Agronomia e Veterinaria ácerca da reforma do mesmo instituto, decretada em 8 de Outubro de 1891.* Lisboa, 1891.

Relatorio *do decenio e decimo primeiro anno da Sociedade de Soccorros Mutuos Luiz de Camões apresentado pelo seu presidente Domingos Maria Lopes Braga nas assembléas geraes de 13 de agosto de 1890 e 10 de agosto de 1891.* Capital Federal, 1891. Esta Sociedade, fundada no Rio de Janeiro por occasião do centenario de Camões, tomou para seu titulo o nome do immortal poeta, e de tal arte o tem sabido honrar, que bem se póde dizer que nos 11 annos decorridos desde a sua fundação, esta sociedade tem attingido o maior grau de prosperidade, dispensando a maior somma de beneficios aos seus associados, como verdadeira sociedade de soccorros mutuos.

De iste nos convencemos ao lêr o seu relatorio habilmente elaborado.

Associação Commercial de Lisboa *e o projecto da nova pauta geral das alfandegas – Pereceres de commissões mixtas – Protesto.* Lisboa 1892. Um folheto que represента trabalho e dedicação pelo estudo das artes e industrias portugueza, mas que de nada serviu, como era de prever, nas altas regiões legeslativas, pois que não foi attendida a maior parte dos pareceres apresentados

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43